

A reflexividade da ciência e o Brasil. A guise de agradecimento, in Freire, Olival & Pietrocola, Mauricio (eds.), *Filosofia, Ciência e História. Uma homenagem aos 40 anos de colaboração de Michel Paty com o Brasil*, Discurso Editorial (São Paulo, Br), 2006, p. 491-506.

## A reflexividade da ciência e o Brasil A guise de agradecimento<sup>1</sup>

MICHEL PATY

Que poderia dizer no final de um tal dia ? Para falar a verdade, eu me sinto melhor agora do que no início desta manhã. Sabia que ia ter um colóquio com meu nome no título, um *Simpósio Michel Paty*, o que estava acontecendo pela primeira vez na minha vida, e que me parecia estranho. Mais estranho do que ver meu nome na capa do meu primeiro livro numa livraria, o que foi um momento de estranheza : mas lá estava um objeto separado de mim que ia viver a vida dele ; fui responsável pela origem deste objeto, mas a separação já estava feita, e tratava-se apenas de um objeto, a considerar somente a visão. Aqui é diferente, pelo menos hoje, no acontecimento, já que depois apenas ficará como uma lembrança que se apagará aos poucos nas memórias, e na minha, como as outras lembranças. Aconteceu, na minha vida acadêmica, de participar e até de organizar colóquios sobre outros, e pouco pensei no momento que fosse estranho para eles como o é hoje para mim.

Eu estava prevenido, claro, que este colóquio ia acontecer, pois os (amigos, ex-discípulos queridos) que tiveram a idéia de organizar esta homenagem tinham avisado, após tomarem a decisão e decidirem a organização (esta feita totalmente independentemente de mim, incluindo os nomes das pessoas convidadas, das quais se informaram sozinhos). Decidiram organizar tal colóquio, alegando razões de aniversário (quase quarenta anos desde minhas primeiras andanças no Brasil), e me avisaram, e então eu sabia, e devia estar preparado. Imagino que quem recebe uma condecoração numa cerimônia oficial pode ficar emocionado, sentir-se intimidado, mas eu acho que não é a mesma coisa ; aliás isto só me aconteceu quando recebi um prêmio da Academia das Ciências na França anos atrás: tinha lá muitos outros prêmios, não fui destacado especialmente. Um colóquio é outra coisa, porque se trata de um evento científico, onde pesquisadores e acadêmicos (no caso de hoje, bem conhecidos, apreciados e

---

<sup>1</sup> Texto redigido a partir da transcrição da gravação, mantendo o estilo oral.

queridos de mim), apresentam trabalhos seus, com conteúdos e valores objetivos, e consideram que faz sentido oferecer estes trabalhos seus a uma pessoa (eu, no caso) em homenagem de consideração e amizade. Isto é mais do que intimidante, pois a homenagem vai muito além da pessoa homenageada, vai explorando o campo das idéias, e, no caso, das idéias sobre o mundo e sobre o conhecimento, campo ao qual nós todos aqui reunidos decidimos um dia nos dedicar, reservando a este o melhor do que somos e podemos. Então os participantes (sem esquecer os que mandaram contribuições escritas, não podendo estar presentes), dedicaram-me, hoje, uma parcela viva deste campo.

E por isso que, quando começou o colóquio, eu me sentia um pouco na pele de quem está ouvindo falar de alguém outro, porque é difícil colocar-se assim como o centro de coisas muito mais importantes do que eu, o campo das idéias de tamanha importância como já mencionei, pois mesmo mantendo esta perspectiva, cada um se referia a mim. De tal maneira que eu tinha a impressão que havia outro sentado ao meu lado a quem se dirigiam. Finalmente, no decorrer da sessão aceitei que se tratava de mim mesmo, de maneira a ouvir bem o que se dizia. Mas nisto mesmo, ouvindo as contribuições pelo interesse de seu conteúdo, com a voz das suas e dos seus autores, e olhando a elas e a eles, eu não podia às vezes deixar de ficar muito emocionado.

Não vou listar os momentos de emoção que vivi, mas só mencionar alguns particularmente fortes. Que os não citados não se ofusquem, pois gostei de todos estes presentes magníficos que cada um e cada uma me fizeram, que são contribuições de pesquisa, ou lembranças de caminhos intelectuais, tão preciosos também, como estas do meu caro José Leite Lopes, evocando algumas realizações comuns em Strasbourg, nos anos do seu exílio. A maior emoção (afetiva e intelectual) foi provavelmente quando Maria Laura e Susana<sup>2</sup> fizeram sua exposição conjunta. Tocou-me muito, porque vocês são muito minhas amigas, uma é como uma mãe minha, a outra é como minha irmã, e vocês se sentaram juntas para preparar esse trabalho lindo que ouvimos, sobre um assunto tão essencial como a educação, cuja importância ultrapassa de muito longe a minha pessoa. Era tão óbvia, ouvindo e olhando vocês duas, a dedicação que vocês têm com este assunto, provavelmente o primeiro em importância para o Brasil. E vocês sabiam o quanto eu podia estar em comunhão com uma contribuição como esta. São problemas urgentes para se cuidar, em vários níveis como vocês evocaram. No nível do ensino mesmo, do conteúdo, e também no nível das decisões políticas e da organização universitária, cujas exigências vocês mencionaram. São assuntos com que um bom número destes que estão aqui se preocupam muito também, e se preocuparam na sua vida toda. Assim como Amélia e Ernesto<sup>3</sup>; aliás foram eles os responsáveis da minha volta no Brasil, desta vez em São Paulo, após dezesseis anos de ausência desde minha primeira estadia em 1965-66, em Brasília e depois no Rio de Janeiro. Foi Fernando Souza Barros que tinha indicado a eles meu nome. Falando da educação, alguns meses atrás, em Paris, Roberto e Sonia Salmeron, Marilena Chaui, seu filho José Guilherme e eu, discutimos sobre esses problemas fundamentais num encontro memorável entre nós.

---

<sup>2</sup> Maria Laura Mouzinho Leite Lopes e Susana Souza Barros.

<sup>3</sup> Amélia e Ernesto Hamburger.

Não quero falar muito, não pretendo fazer um discurso, só dizer algumas palavras, agradecendo a presença de todos e todas as suas falas, a escolha dos seus tópicos, que sejam a respeito dos rumos comuns ou paralelos de pesquisa, ou de preocupações que compartilhamos. Vou voltar a estes, mas eu sinto, neste instante, a necessidade de centrar, de certa maneira, a intenção desta fala minha, que eu queria focalizar sobre o sentido intelectual de eu e vocês estarem aqui reunidos. Se eu tivesse que dar um título para estas palavras que os organizadores gentilmente me pediram, me dando o privilégio de encerrar este evento, acho que escolheria o seguinte : « *A reflexividade da ciência e o Brasil* ».

Pois, afinal, isso foi e possivelmente continuará a ser no futuro o meu papel aqui, neste país, trabalhando, ensinando e pesquisando sobre a *reflexividade da ciência* em geral, e com uma vista particular sobre o contexto e os problemas próprios do Brasil, bem como de outros países « do Terceiro Mundo », como se dizia, ou « em via de desenvolvimento », ou possivelmente melhor, para o caso do Brasil pelo menos, em « estado de desenvolvimento desigual ». Pouco importa a etiqueta, mas sim a realidade das situações, com o papel específico que a ciência ocupa ou pode ocupar no processo de maior desenvolvimento econômico, político, social, cultural. Pela expressão « *reflexividade da ciência* », quero dizer a « reflexão crítica » que, a meu ver, deveria acompanhar sempre a atividade e o pensamento científico, para melhor aproveitar das potencialidades consideráveis da ciência, tendo uma consciência sempre viva de suas dimensões como pensamento e como atividade e efeitos possíveis, ligando assim os aspectos intelectuais e as implicações técnicas, tecnológicas e sociais,

Foi para mim um grande motivo de satisfação e emoção ouvir que colegas de outros países do mundo também chamaram a atenção para a minha conexão com eles e com seus países respectivos, nesta mesma perspectiva<sup>4</sup>.

Esta emoção que senti nessas evocações e neste dia de apresentação de trabalhos, não tem tanto por causa o calor da amizade, tão claramente presente aqui, no seu aspecto afetivo, mas sobretudo a significação que isso tem e, na verdade, trata-se aqui de *amizade intelectual*, num sentido espinoziano, não é, Marilena ? Amizade intelectual que não exclui discussões e desacordos. Não houve muita discussão a respeito das exposições, pois o tempo não permitia, considerando o número dos oradores. Para cada uma das contribuições teria matéria a debates e, com efeito, alguns se esboçaram nos intervalos. Mas a amizade intelectual não se identifica com unanimidade, e é mesmo bem o contrário, pois o que a anima é uma postura comum de procura, levada por exigências que se podem expressar por palavras como *verdade, realidade, universalidade, conhecimento crítico, poder do pensamento e da razão*. Palavras e idéias bastante fora de moda, por ser consideradas utópicas e ultrapassadas, hoje em dia, nestes tempos chamados as vezes (não sem alguma derisão a meu ver) de « pós-modernos ». Nos somos levados por exigências de valores como estas, que guiam não somente nossas procuras intelectuais, mas também nossas atitudes pessoais, nossas éticas.

---

<sup>4</sup> Na abertura do Colóquio, os organizadores leram mensagens enviadas por colegas de vários países e regiões do mundo : da França, da Colômbia, do México, da Índia e de outros países. (Nota dos organizadores).

Nesta perspectiva, cada trabalho de pesquisa feito com uma honestidade essencial é fundamental, os meus como os seus, e considero o trabalho que faço, tanto no Brasil como na França ou em outros lugares, como apenas uma simples contribuição, feita com dedicação por alguém que tem o papel de pensar, de estudar e analisar, ensinar e comunicar nesta direção escolhida. Não desprezo nem minimizo, de jeito nenhum, o que vou fazendo, pois acredito nisto, e acho que tem sentido. Mas o considero não mais do que uma simples contribuição, que espero ser útil, e sobretudo que eu quero verdadeiro, que reciba ou não muito sucesso.

De maneira geral, mas também na circunstância presente graças a vocês e à simplicidade de todos, não sinto qualquer orgulho, enquanto a mim e a meu trabalho, de ter sido aqui homenageado, pois nós estamos todos num pé de igualdade, devido, em particular, à natureza do nosso trabalho, que não vai bem com sentimentos de preponderância. Eu me coloquei graças a vocês com simplicidade na minha pele de « homenageado » como dizem meus amigos e ex-dicípulos Olival e Maurício (quando este me chamou, com tom oficial enquanto no papel de organizador, de “Senhor homenageado”, para me dar a palavra final). Posso dizer que me sinto muito bem agora na sua companhia. Não me sinto extraordinário, e vou emprestar aqui uma expressão do Jean Paul Sartre no final de sua obra prima *Les Mots, As Palavras* (Sartre não foi muito interessado no conhecimento científico, mas muito na filosofia moral, e também era excelente dramaturgo e cidadão engajado, e por isso continuo apreciando ele). Parafrasando Sartre, eu diria algo assim : sou apenas um homem que pensa, que trabalha, que vive, que conhece certas coisas, não sou melhor nem pior do que qualquer outro. Das coisas que eu fiz, não tenho vergonha, de certas tenho satisfação ; umas são reconhecidas, outras não ; espero que algumas o serão mais no futuro. E se não são, não posso nada mais. De qualquer maneira, nós nos encontremos a propósito de algumas minhas e de algumas suas contribuições, e já isso é para mim motivo de satisfação, pois isso tinha um sentido. Passamos nesta Terra dando essas contribuições e isso mudou, em qualquer grau que seja, o estado e a significação deste mundo.

Não posso deixar de vir a minha mente, a este propósito, uma recordação relacionada com meu amigo Fernando Souza Barros, aqui presente. Fernando tem uma mente muito crítica, um pouco como meu filho Emmanuel, que está ali atrás : sempre achei que estes dois, meu amigo e meu filho, são pessoas de mente crítica, mas de pensamento muito profundo. Do Fernando, então, me lembro como se fosse ontem, porem aconteceu há trinta e sete anos, do que ele me disse quando eu estava indo embora do Brasil sem perspectiva de voltar num futuro próximo, devido a situação política (com efeito, fiquei desses seis anos sem voltar mais : voltei só quando houve a « abertura » do regime militar e o fim da proscrição dos universitários cassados, em 1982). Tínhamos vivido juntos a queda, a interrupção brutal da experiência excepcional que foi a primeira Universidade Nacional de Brasília até o final de 1965, e quando, seis meses depois, foi terminado meu tempo de contrato (que tinha sido transferido para o CBPF<sup>5</sup> de Rio de Janeiro) evoquemos, no momento dos adeus as perspectivas que se apresentavam. Ele podia, juntamente com Susana, continuar sua carreira em

---

<sup>5</sup> CBPF : Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas.

condições oportunas oferecidas a eles na Universidade de Pittsburgh, nos Estados Unidos, que eles tinham deixado para a experiência progressista-futurista de uma universidade pioneira do Terceiro Mundo em Brasília. Mas eles decidiram finalmente ficar no Brasil. Fernando dice mais ou menos o seguinte :

« Ou vamos nos exilar, ou vamos ficar aqui... Eu acho que vamos ficar aqui, fazendo um trabalho de formiga, que vai passar despercebido, mas que se tem de fazer, para preparar condições de pesquisa e ensino, que prepararão o futuro, quando as condições políticas melhorarem. Vão passar muitos anos antes de resultados aparecerem. »

Essas foram suas palavras, e nunca as esqueci. Fernando, você também foi, como Roberto, Leite e como alguns outros, um mestre para mim, porque você me ensinou, por seu próprio exemplo, esses valores : saber preparar, na luta do dia a dia, e na sombra, o futuro.

Um percurso, uma simples contribuição, um caminho de perguntas e de encontros. Me lembro deste caminho, dos momentos mais marcantes, como este do meu primeiro contato com o Brasil, esse contraste fecundo que eu encontrei entre, de um lado os meus três anos anteriores nessa usina de saber, aliás muito interessante, onde trabalhei com o Roberto Salmeron, que era o CERN em Genebra (nós trabalhávamos muito, não tinha tempo para pensar filosofia, fazer poesia, essas coisas, pois, quanto a mim, preparava minha tese de doutorado em ciências, que eu pude fazer, felizmente, rapidamente) ; e, de outro lado, a primeira Universidade Nacional de Brasília, este projeto remarcável, onde tive a sensação de viver uma experiência de dedicação coletiva fora do comum. Roberto Salmeron, que foi um dos principais atores desta realização e protagonista marcante desta aventura, escreveu muito tempo depois um livro narrando e analisando esta experiência, *A Universidade interrompida, Brasília (1963-1965)*<sup>6</sup>. Para realizar este livro, que considero ser uma obra de tamanha importância e no entanto insuficientemente difundida no Brasil, ele, cientista, se fez historiador, fundando-se em documentos de arquivos e indo nas suas análises até as origens longínquas deste projeto e destes eventos, enraizados nos primórdios da Universidade brasileira, na história educacional e política do Brasil.

Compartilhei desta experiência com todo o entusiasmo e o idealismo que se tem na idade que era a minha então (e dos dois, espero não ter perdido tudo ainda). contei um pouco desta experiência num texto oferecido a Roberto num livro de homenagem e não vou me repetir aqui<sup>7</sup>. Aprendi muito, nessas circunstâncias, e encontrei pessoas de que nunca esquecerei. Até pude seguir, de vez em quando, cursos de extensão em vários departamentos, filosofia (eu não era formado ainda nesta disciplina), com o uruguaio Juan Llambias de Azevedo, sociologia, aproveitando a estadia do francês Paul Arbousse-Bastide (um dos fundadores da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP), cinema (com lições sobre o cinema novo de Jean-Claude Bernardet e outros). Mas não posso mencionar todos os pioneiros que contribuíram a esta realização e esta

<sup>6</sup> Roberto Salmeron, *A Universidade interrompida, Brasília (1963-1965)*, Editora da UNB, Brasília, 1999.

<sup>7</sup> Michel Paty, « Campus sitiado. Le campus en état de siège. Scènes d'une saison à Brasília, juillet-décembre 1965 », in Aldrovandi, Ruben ; Santoro, Alberto & Gago, José Mariano (eds.), *Roberto Salmeron Festschrift; A Master and a Friend*, AIAFEX, Rio de Janeiro (Br), 2003, p. 257-302.

aventura excepcional. Basta dizer que este ambiente foi para mim muito rico e formador, apesar da duração da experiência não ter sido mais do que alguns meses (menos de um semestre, pontuado de greves e intervenções militares).

Quando foi pedida para intervir sobre meus encontros com a cultura brasileira, Cidinha, minha esposa, indicou que ela queria lembrar como eu não só dei a brasileiros, pelo meu ensino, como foi mencionado nas contribuições dos meus ex-alunos, mas sobretudo como eu recebi muito deles. Ela tem toda razão e posso mesmo acrescentar, pois recebi muito mais : o Brasil é realmente parte de mim. Agradeço as palavras de Marilena Chaui por me integrar entre os *filósofos brasileiros*, adopção que tem duas dimensões, *filósofo* pois, mesmo tendo a formação e uma experiência de quase trinta anos, eu era originariamente um cientista, e fui aos poucos integrado entre os filósofos, e *brasileiro*, considerando minha nacionalidade, que não impede também a integração cultural e de simpatia (apesar do sotaque e de certa inventividade lingüística nem sempre controlada).

Enfim, essa é a história, aprendi muito no Brasil e com os brasileiros, e continuo aprendendo.

O que eu aprendi particularmente, e foi isso sobretudo que me fascinou no Brasil e que eu já pressentia antes de vir pela primeira vez, é que havia uma urgência dos problemas sociais e políticos neste país e em outros, ao nível internacional, e que eu não podia me considerar estranho, alheio a eles. Bem pelo contrário, eu não podia deixar de ser solidário. Essa urgência dos problemas e a consciência dessa urgência, eu tinha começado a aprendê-las na minha própria terra, porque a minha terra está situada de tal maneira, geográfica e culturalmente por assim dizer, que ela recebe de frente todas as ondas que vêm dos vários lugares da Terra inteira. E seguramente é por isso, mais do que por toda outra razão, que eu gosto da « minha terra », para emprestar esta expressão bem brasileira, este é provavelmente o principal motivo de minha afeição, da ternura que eu tenho para com a minha terra, com sua cultura, que sempre concebi como o contrário de fechada sobre si, e sim aberta ao mundo. Evoco « minha terra » sem nacionalismo, a não ser somente esse patriotismo que seria a vontade de defender se ela for atacada, como ela foi quando eu era apenas uma criança, atacada, ocupada e martirizada pela barbaridade nazista : sentimento que vivi retrospectivamente, pelas leituras e compartilhando as lições da história, ouvidas dos meus pais e dos meus professores da escola pública, republicana e laica, de velha e honrada tradição.

Desta cultura que recebi na « minha terra », como aqui se diz, aprendi o gosto e o respeito pelo resto do mundo e até mais, a atração por estes outros países e povos, natureza, homens e cultura indissociáveis. O patriotismo tal como eu o aprendi e o entendi tinha precisamente um limite, este que se pode entender através destas provas sofridas mesmas, limite determinado pela consciência dos direitos dos outros povos. Aprendi pela história que lá, nesta terra minha, idéias foram produzidas que contribuíram para enriquecer o mundo e favorecer sua libertação, mas aprendi também que, pela situação geográfica, marítima, cultural, esta terra minha recebeu muito da parte dos vários lados do mundo, e que ela de certo modo estava retribuindo o que ela tinha recebido para nutrir sua própria cultura. Eu vivi esta consciência não só pelas leituras e pela educação, mas também pela convivência, já na minha juventude, com estudantes vindos de

muitas nações do ultramar na minha cidade de origem, Bordeaux, que fica numa boca do grande oceano Atlântico, ali, no outro lado : lá eu bebi, nos cais do grande rio que descia ao mar, o desejo de conhecer o mundo, ao mesmo tempo que eu estava me abrindo ao gosto do conhecimento. Lá eu fiz, através das trocas de idéias e das lutas políticas para acabar com o colonialismo (em particular contra a guerra de Argélia), meus primeiros passos rumo à cidadania, e aprendi que esta cidadania mesma devia necessariamente ter uma dimensão internacional. Vivi esta aprendizagem junto com meu irmão Jean, precocemente falecido há alguns anos, e cuja memória eu quero associar a esta evocação.

E aqui, quando vim ao Brasil para uma primeira estadia de um ano, há exatamente trinta e oito anos, continuei esta aprendizagem, e ampliei-a em várias direções, a mais notável delas sendo provavelmente esta : aprendi a vida, quero dizer a vida em todas as suas dimensões, em sua exuberância. Naquela época, apesar das circunstâncias políticas e da chapa de ferro da ditadura militar que ia pesando e abafando cada vez mais, o Brasil era ainda um mestre de vida incomparável o que, infelizmente, devo constatar um pouco desiludido quase quarenta anos depois, está hoje se perdendo, numa banalidade de globalização apagando, antes das outras diferenças, as originalidades das vivências e das culturas.

Mas, naquela época, e em outras subseqüentes de minhas estadias neste país, o Brasil me propiciou um condensado de vida, na exuberância da sua natureza, claro, mas também na sua riqueza cultural tão variada, das suas formas populares às suas realizações as mais elaboradas e vanguardistas, todas manifestando um grau elevado de imaginação e criatividade. Não é que lá (na Europa) não tenha riqueza cultural, quando, ao contrário, mergulhavámos na cultura secular e milenar a mais refinada até as mais recentes expressões do modernismo : mas, além de lá se ter perdido muito da força vital da cultura popular, de certa maneira, as formas de cultura nas suas diversas dimensões estavam, quanto a mim, um pouco longe do meu quotidiano, um pouco abstratas, confinadas nas bibliotecas e nos museus, ou em meios aos quais eu não tinha acesso imediato ou convivência. Aqui eu me encontrava em um contato mais imediato, mais direto com uma cultura ao vivo, que estava se fazendo na frente dos meus olhos. Neste momento, gostaria de evocar minha filhinha, que infelizmente não pôde vir, mas que fez uma longa viagem no Brasil alguns anos atrás, Rachel, com seu espírito artístico, que se maravilha destas coisas também.

Menciono em primeiro lugar, o contacto que tive com a arte. Em Brasília, na primeira UNB<sup>8</sup>, artistas e criadores participavam do trabalho universitário : eram gente do tamanho de um Oscar Niemeyer, um Glênio Banchetti, um Cláudio Santoro, um Nelson Pereira dos Santos<sup>9</sup>... Encontrava-os, sabia de suas obras (ou conheci estas naquele momento), freqüentava regularmente alguns. Aprendi a ver obras « clássicas » que eu desconhecia até minha vinda ao Brasil, como a do Portinari, com essa força e energia que emana dos corpos representados nas telas. E tantos outros. Mais tarde, ia fazer amizade

---

<sup>8</sup> UNB : Universidade Nacional de Brasília.

<sup>9</sup> Oscar Niemeyer, arquitecto ; Glênio Banchetti, pintor ; Claudio Santoro, compositor e chefe de orquestra ; Nelson Pereira dos Santos, cineasta : todos eram professores da Universidade Nacional de Brasília da época (1965). Evoco no texto mencionado acima esta primeira UNB.

com o pintor paulista Mário Gruber (aliás ele devia estar aqui presente, se não tivéssemos esquecido em último minuto de avisá-lo da data e do lugar), e não só podia admirar sua arte como aprendi pelas suas conversas um pouco da sua estética. Me amaravilhou sempre essa explosão de criatividade artística que se manifesta no Brasil bem como em outros países da América do Sul, nas artes plásticas e também na literatura. Há uma força da natureza e metafísica no mesmo tempo, que me parecem como um marco da arte deste continente. Nem todos estes grandes artistas são suficientemente conhecidos fora como mereceriam, apesar dessas contribuições pertencer de pleno direito à cultura internacional no que ela tem de melhor.

Encontrei essa criatividade não só nos artistas, mas também nos cientistas. Eu conheci muitos cientistas (quando cheguei no Brasil pela primeira vez, a minha experiência concernia essencialmente aos do CERN, depois foi muito mais diversificada, em universidades tanto francesas quanto de vários países do mundo), e dos mais inventivos. Por exemplo, fui colega de John Stuart Bell, que conheci bastante bem, e que considero um dos maiores físicos da sua geração, igual de um Richard Feynman : ele tinha muita imaginação criativa, sobretudo nas suas interrogações fundamentais sobre a física quântica. Conheci outros também, mas me parecia que no Brasil essa imaginação era mais óbvia, mais imediata, e se eu tinha essa impressão foi possivelmente porque era mais despojada. O CERN é um templo do saber a nível mundial. O Brasil não tinha templo de feição tal ou comparável, cada um tinha que se debruçar em condições mais precárias : as competências e imaginações eram, portanto, mais óbvias e admiráveis. Eu poderia evocar assim os físicos José Leite Lopes (que conheci realmente algum tempo mais tarde, na minha volta à França, mas que frequentei depois durante numerosos anos), ou Jayme Tiomno, Fernando Souza Barros, Moysés Nussenzveig, e muitos outros (muito mais tarde, Mario Schenberg, quando vim a São Paulo) ; e os cientistas brasileiros de outras áreas que eu tive a chance de conhecer, e em particular o lógico-matemático Newton da Costa, aqui presente também, que me ensinou logicamente os mistérios da contradição e me honra em me considerar como seu irmão, o que é necessariamente e não-contraditoriamente recíproco.

Pensando nisso, vem a idéia de que esta experiência foi importante para a minha própria evolução intelectual, pois parece que a idéia de criatividade científica caminhou subterraneamente na minha passagem da ciência rumo a filosofia, pois esta tornou-se o objeto presente da minha pesquisa : a criação científica considerada filosoficamente. Com efeito, este é um tema que foi deixado de lado pelos filósofos do século XX, apesar de ser essencial para toda filosofia do conhecimento : pois, que seria a ciência, como representação simbólica (conceitual) da realidade do mundo, se ela não fosse objeto de criação intelectual ? De onde viriam essas idéias novas (conceitos e teorias), que não existiam antes na área do conhecimento (e tampouco no mundo concreto, pois se trata de idéias), se não fosse da imaginação intelectual ? Trata-se, com efeito, de um modo particular, específico, de criatividade, adequada à objetividade e funcionando na área do racional. A objeção oposta pelas filosofias dominantes no século XX contra a idéia de criação científica era que todo ato de criação implica algum salto irracional, da ordem do psicológico, por exemplo. Mas não se trata, na perspectiva que estou explorando, de abandonar o racional para favorecer a criação. Trata-se de entender



como conhecimentos científicos novos, de cunho racional como a própria ciência, são possíveis e efetivos, aparecendo formulados, na atividade mental de um sujeito, sem terem sido conteúdos nos conhecimentos anteriores, e no entanto num processo de transformação de idéias racionais.

Claramente, tal consideração não pode deixar de lado o *modo racional de pensar*, nem o fato de *se tratar de criação*. As duas exigências têm de ser adaptadas uma à outra. Se a idéia de criação tem aqui um sentido, temos que manter com ela o papel fundamental da racionalidade, sem a qual não se trataria de ciência, pois se a ciência não pertencesse ao campo do racional, não seria ciência (a não ser que se admita uma concepção puramente empírica, o que não é meu caso, e que parece difícil defender). O racional não pode, nem aqui nem em geral, ser reduzido ao lógico e implica um processo de pensamento mais complexo, que age entre proposições cujas definições, ao invés do que é o caso numa relação de lógica pura, não são rígidas, e são suscetíveis de modificação (por exemplo, conceitos, que vão sendo transformados). Também temos de considerar a idéia de *intuição*, num sentido que não se reduz ao psicológico mas opera como uma síntese intelectual, uma *visão intelectual sintética* : tal « intuição intelectual » pertence a racionalidade como função do pensamento. *Criação* (no racional) e *intuição* (intelectual) têm muito a ver, e nessa investigação, encontramos a ajuda preciosa de dois cientistas filósofos do século XX, Henri Poincaré e Albert Einstein, quem, mais do que ninguém, se questionaram sobre tais problemas, oferecendo-nos uma reflexão filosófica elaborada e pioneira informada das suas próprias experiências do pensamento. Poderíamos evocar, a respeito da criação de conhecimentos científicos, outros nomes de filósofos, como Charles Saunders Pierce, William James e Henri Bergson, notavelmente. Mas enquanto Poincaré e Einstein centravam suas reflexões na área da racionalidade, estes deixavam este campo, privilegiando os aspectos psicológicos. Parece entretanto difícil remeter a produção de algo racional a um mero processo psicológico. Esbocei apenas aqui uma direção de pesquisa filosófica na formulação da qual a minha experiência brasileira não é alheia. Voltarei em conclusão a este tema.

Eu devo assim várias coisas ao Brasil, inclusive certa sensibilização a aspectos pouco investigados da filosofia do conhecimento, apesar destes não terem sido também tomados em consideração aqui, não mais do que alhures. Estes aspectos pertencem a esta « reflexividade » da ciência que considera filosoficamente a ciência tal como ela é ou se apresenta, no seu movimento vivido, que suscita sempre novas interrogações sobre o mundo e sobre o conhecimento deste mundo.

O Brasil foi e continua sendo fundamental na minha própria história, ele faz parte das minhas fibras, intelectualmente e também afetivamente. O Brasil, foi para mim um professor de vida, e eu certamente recebi muito deste professor, que com efeito me ensinou através de pessoas. Pois, quando eu falo assim do Brasil, neste sentido, não é de uma entidade abstrata que se trata, mas de um conjunto, que são pessoas do seu povo : eu não separo um país do seu povo, isto é das suas pessoas concretas. Conheço pessoas que dizem : eu gosto da França, mas os franceses são uns chatos. Respondo a eles : não é bem assim, vocês na verdade não conhecem bem a França nem os franceses, porque não haveria a França se não houvesse os franceses, e se você gosta da França tem que aceitar os franceses, pois

são eles que fizeram a história e a cultura da França de que vocês dizem gostar. E a mesma coisa com o Brasil, e eu gosto do Brasil porque eu gosto dos brasileiros. E claro que entre eles eu escolho livremente as minhas amizades. eu não gosto de todos, por exemplo, não gostava dos que inspiraram ou dirigiram a chamada « revolução », que foi um golpe militar, de 1964, não só porque me colocaram em prisão por um dia, pois colocaram muitos outros por muito mais dias, e por muitas outras razões, nas quais os crimes e o desprezo do povo : não gosto deles, nem dos que aceitaram passivamente a repressão naquele período, do mesmo modo que não gosto dos que, na « minha terra », foram « vichystas »<sup>10</sup> durante a Segunda Guerra, nem tampouco dos facistas de hoje, aqui e ali. Mas eu gosto da França e dos franceses, da cultura e da história significativa que eles incarnam, e da mesma maneira eu gosto do Brasil e dos brasileiros, por sua cultura viva e seu povo e povão, e sua história por vezes muito sofrida. Estes dois povos, França e Brasil são ligados culturalmente, e vejo o quanto na minha própria casa, pois minha mulher, Maria-Aparecida, e minha enteada, Juliana, que considero como minha filha e se considera também como tal, se adaptaram tão bem a cultura francesa no cotidiano quanto eu à vivência brasileira. O povo brasileiro de que eu gosto é, por exemplo, este que chego a conhecer no acaso dos encontros, quando viajo pelo Minas Gerais, com esta maneira bem telúrica de ser, bem o pé no chão e com uma particular qualidade humana, não raramente uma espécie de sabedoria e, aqui e ali, uma cultura viva, herdada do passado, numa mistura de várias tradições.

Então tudo isso eu tinha que dizer, porque está realmente em mim, é muito presente. Afinal de contas, é a cultura que importa. Falando do Brasil falei de cultura brasileira, de civilização brasileira. Da mesma maneira fala-se de cultura francesa, ou de todo outro povo. E somos levados a falar sobretudo de cultura universal, que é feita de encontro, de diálogo, de compartilhamento dessas culturas. Com efeito, eu me sinto realmente, antes de tudo, e alguns amigos já me creditaram disso, o que muito me agrada, um *cidadão do mundo*, porque minha cultura e o encontro com outras das quais percebi as riquezas e que admirei me levaram a esta consciência. Eu soube, na minhas vivências no Brasil, e nas minhas andanças no mundo, particularmente nos outros países de América latina que cheguei a frequentar um pouco (Colômbia e México) que o mundo (este mesmo ao qual se alude quando se fala de « globalização », isto é « mundialização », palavra que me parece mais humana, menos mercantil, do que a primeira) que o *mundo* não é uma entidade abstrata, por significar os *povos*, feitos das *pessoas*, que tentam ir pela frente apesar de condições muitas vezes tão difíceis.

Para terminar, gostaria de retomar esta questão que já evoquei, sobre um aspecto da minha pesquisa atual, esta da *filosofia da criação científica* que vai juntamente com a *filosofia da racionalidade*, pois a deixei em suspenso. O que é interessante, filosoficamente, a propósito de uma tal questão é que ela nos permite retomar (e quem sabe, renovar em alguma medida) a questão colocada por Kant há mais do que dois séculos atrás, sobre as condições de possibilidade do conhecimento científico, da ciência tal como era concebida e praticada já com muito sucesso na sua época, neste auge da modernidade que foi o « século do iluminismo », isto é da manifestação e da procura incessante das « luzes da

---

<sup>10</sup> « Vichystes » : partidários do governo de colaboração com o ocupante nazista alemão, governo dirigido pelo Maréchal Pétain e sediado na cidade de Vichy,

razão ». Há, hoje, um aspecto da ciência que nos é mais obvio do que nunca, até parecer possivelmente definatório da ciência, e tão importante para ser tomado em consideração do que o caráter seguro e objectivo deste conhecimento : o fato do conhecimento científico nunca estar parado, de se encontrar sempre em movimento, *em processo de transformação*, sem por isso deixar de ser *científico* com as características atribuídas a tal qualificação. A retomada da questão kantiana com esta consciência em mente poderia ser, talvez, expressada da seguinte forma : quais são as condições de possibilidade de uma ciência objectiva, plenamente racional e num estado de movimento e transformação, de formação e integração de conhecimentos novos ? Como Kant, nossa perspectiva é esta da razão, mas com o objetivo de tomar em conta a historicidade da ciência como representação mental do mundo. Queremos saber qual é a estrutura da razão, no seu campo operatório próprio, agindo no entendimento, que permite a estes conhecimentos ser formados numa apreensão progressivamente mais abrangente do mundo que existe afora.

Falando da ciência tal como se apresenta na sua efetividade, devemos considerar todas as suas dimensões, seu conteúdo, seu progresso, sua elaboração e criação, mas também os modos pelos quais é aceita e difunde-se, tomando em conta as dimensões da inter-subjectividade e da inscrição social, e plenamente seu aspecto histórico. A ciência é o fruto de um diálogo, de um empenho, de uma luta, do pensamento humano, sobretudo na sua vertente racional, com o mundo. Me parece, mas ainda é preciso investigar mais profundamente, que uma condição para que novos conhecimentos racionais e objectivos sejam possíveis, é a evolução, a ampliação, das formas da racionalidade mesmas. Pois o conhecimento no seu estado presente está enquadrado numa roupa ajustada, por assim dizer, que impede conceber outros, novos, elementos de conhecimentos até agora ignorados e positivamente impensáveis. Esta roupa, nesta metáfora, são as categorias do entendimento, isto é da racionalidade que permite a inteligibilidade. Ora, elas vão se abrindo, se transformando de maneira a possibilitar o pensamento do anteriormente ímpensável. Em outros termos, para que novos conhecimentos sejam criados pela própria mente racional, necessita-se uma ampliação desta racionalidade mesma. Pelo menos, esta é a via que eu queria investigar.

Pode parecer chocante à primeira vista falar de modificação da racionalidade, isto é, da razão mesma, e implicar problemas difíceis tais como a unidade da razão humana, a comunicação entre as inteligências, e muitos outros. E este, sobretudo : será que o conceito de racionalidade não vai se destruir assim, se diluindo nestas transformações ? E afinal, assim será objetado, que será esta racionalidade, se ela não é definida uma vez por todas ? Mas nós sabemos que a racionalidade é mais flexível do que a lógica, e que existem vários modos de racionalidade adequados para os vários campos do pensamento e da ação humana (as racionalidades epistémicas, efetivas para cada tipo de ciência, a racionalidade técnica, a razão prática, esta última para o comportamento e os julgamentos morais e éticos, e assim por diante). Sabemos também que o senso comum difere da razão científica, mas isso não afasta qualquer um da possibilidade de entender os conhecimentos científicos, precisamente pela dimensão racional que assegura a possibilidade de comunicar e aprender. E que existe uma unidade da razão através de formas diversas de racionalidade : a razão não tem uma definição metafísica,

mas *ela se define por sua função, esta de integração de conhecimentos no nosso entendimento*. Esta função nunca vai deixar de cumprir sua tarefa e, precisamente, para cumprir esta tarefa, refinamentos do « instrumento » racional são necessários. Quem vai determinar estes refinamentos ? A prática do conhecimento do mundo, numa transformação imanente de si mesmo, que atinge sua estrutura profunda, esta da racionalidade.

Nesta via de investigações, pretendo seguir em particular indicações e ensinamentos de mestres meus, alguns dos quais foram também mestres de filósofos daqui (quero mencionar os nomes de Gilles-Gaston Granger, de Jules Vuillemin, de Jacques Merleau-Ponty, de Georges Canguilhem, de Gaston Bachelard e de Jean Cavaillès, entre outros, e sem exclusão de outras « escolas »), cujo pensamento é marcado por uma aproximação exigente da filosofia do conhecimento científico, tomando em conta a ciência nos seus problemas conceituais, epistemológicos, e na sua dimensão histórica. Meu projeto seria assim de uma *filosofia racional na imanência*, quero dizer uma filosofia racional que se desenvolve no mundo, o mundo que nos é dado na nossa experiência, que conhecemos pela ciência, que vivemos socialmente com a consciência histórica. Uma filosofia da racionalidade que não se deixa dissolver na consideração das condições sociais e exteriores, mesmo se temos que considerar os efeitos dessas circunstâncias contextuais e contingentes. A combinação, o encontro, dessas duas palavras, *racionalidade* e *imanência*, resumiria de maneira adequada o sentido desta procura, num caminho que, por seguir seu rumo próprio, não deixará de se inspirar sempre nos que contribuíram a esclarecê-lo, pensadores e pesquisadores do nosso tempo bem como do passado (e, por estes últimos, imanência nos remete mais uma vez a Spinoza, e racionalidade também, assim como a Descartes e a Kant)<sup>11</sup>.

Obrigado a todos.

---

<sup>11</sup> Estes foram, com efeito, os temas dos cursos de pós-graduação que eu dei quando convidado como professor-vistante no Departamento de Filosofia da USP, em 2004 e 2005 : *Filosofia da criação científica*, e *A função de racionalidade*. (Nota acrescentada na revisão do texto, em junho de 2005).